

## *Uma mensagem conjunta para o cuidado da criação*

Há mais de um ano que todos vimos conhecendo os efeitos devastadores de uma pandemia global – todos, pobres ou ricos, fracos ou fortes. Alguns estavam mais protegidos ou mais vulneráveis do que outros, mas a rápida disseminação da infecção mostrou que estamos dependentes uns dos outros nos nossos esforços para permanecermos seguros. Compreendemos que, ao lidar com esta calamidade global, ninguém está seguro até que todos estejam, que as nossas acções afectam realmente os outros e que o que fazemos hoje afecta o que acontece amanhã.

Estas não são lições novas, mas tivemos de passar por elas novamente. Não vamos perder esta ocasião. Temos de decidir que tipo de mundo queremos deixar às gerações futuras. Deus ordena: “Escolhe, pois, a vida, para que tu e a tua descendência vivam” (Dt 30,19 ). Temos de escolher viver de maneira diferente; temos de escolher a vida.

Setembro é celebrado por muitos cristãos como o Tempo da Criação, uma oportunidade de orar e cuidar da criação de Deus. Enquanto os líderes mundiais se preparam para se encontrar em Glasgow, em novembro, para deliberar sobre o futuro do nosso planeta, oramos por eles e reflectimos sobre quais as escolhas todos nós temos de fazer. Portanto, como líderes das nossas Igrejas, exortamos todos, seja qual for a sua fé ou cosmovisão, a tentar ouvir o clamor da terra e dos pobres, examinando o seu próprio comportamento e comprometendo-se a fazer sacrifícios significativos pelo bem da terra que Deus nos deu.

### **A importância da sustentabilidade**

Na nossa tradição cristã comum, as Escrituras e os santos oferecem perspectivas iluminadoras para se compreenderem tanto as realidades do presente quanto a promessa de algo maior do que o que vemos no momento. O conceito de guarda – de responsabilidade individual e colectiva pelo dom que Deus nos deu – constitui um ponto de partida essencial para a sustentabilidade social, económica e ambiental. No Novo Testamento, lemos sobre o homem rico e tolo que acumula uma grande abundância de cereais, esquecendo a sua própria finitude (Lc 12,13-21). Ouvimos falar do filho pródigo, que cedo toma a sua herança, apenas para esbanjá-la e acabar com fome (Lc.15, 11-32). Somos alertados para não fazer opções de curto prazo e aparentemente

baratas de construir na areia, em vez de construir sobre a rocha, para que nossa casa comum possa resistir às tempestades (Mt 7, 24-27). Estas histórias convidam-nos a adoptar uma visão mais ampla e a reconhecer nosso lugar na longa história da humanidade.

Mas tomámos a direcção oposta. Maximizámos o nosso próprio interesse à custa das gerações futuras. Concentrando-nos na nossa riqueza, descobrimos que os activos de longo prazo, incluindo a abundância da natureza, são consumidos em benefícios de curto prazo. A tecnologia abriu novas possibilidades de progresso, mas também de acumulação de riquezas ilimitadas, e muitos de nós comportamo-nos de maneiras que mostram pouco se preocuparem com as outras pessoas ou com as limitações do planeta. A natureza é resiliente, mas delicada. Já estamos a testemunhar as consequências da nossa recusa em protegê-la e preservá-la (Gn 2, 15). Agora, neste momento, temos a oportunidade de nos arrepender, de resolver dar meia-volta, de seguir na direcção oposta. Devemos buscar generosidade e justiça na maneira como vivemos, trabalhamos e usamos o dinheiro, em vez de ganhos egoístas.

### **O impacto nas pessoas que vivem na pobreza**

A actual crise climática diz muito sobre quem somos e como vemos e tratamos a criação de Deus. Estamos diante de uma justiça severa: a perda da biodiversidade, a degradação ambiental e as mudanças climáticas são as consequências inevitáveis das nossas acções, pois temos consumido avidamente mais recursos da terra do que aquilo que o planeta aguenta. Mas também enfrentamos uma injustiça profunda: as pessoas que sofrem as consequências mais catastróficas de tais abusos são as mais pobres do planeta e as que têm menos responsabilidade por causá-los. Servimos a um Deus de justiça, que se deleita na criação e cria cada pessoa à sua imagem, mas que também escuta o clamor dos pobres. Consequentemente, há um chamamento inato dentro de nós para responder com angústia quando vemos uma injustiça tão devastadora.

Hoje estamos a pagar o preço. As catástrofes atmosféricas e naturais extremas dos últimos meses revelam-nos novamente, com grande força e com grandes perdas humanas, que as alterações climáticas não são apenas um desafio futuro, mas também uma questão imediata e urgente de sobrevivência. Inundações generalizadas, incêndios e secas ameaçam continentes inteiros. O nível do mar sobe, forçando comunidades inteiras a mudarem-se; ciclones devastam regiões inteiras, arruinando vidas e meios de subsistência. A água tornou-se escassa e o abastecimento de alimentos é incerto,

causando conflitos e deslocamento de milhões de pessoas. Já vimos isso em lugares onde as pessoas dependem de propriedades agrícolas de pequena escala. Hoje vemos isso nos países mais industrializados, onde nem mesmo infraestruturas sofisticadas conseguem resistir completamente à destruição extraordinária.

Amanhã pode ser pior. As crianças e os adolescentes de hoje enfrentarão consequências catastróficas se não assumirmos agora a responsabilidade, como “colaboradores de Deus” (Gn 2, 4-7), de sustentar o nosso mundo. Frequentemente ouvimos falar de jovens que percebem que seu futuro está ameaçado. Por eles, devemos escolher comer, viajar, gastar, investir e viver de outra forma, pensando não apenas nos interesses e ganhos imediatos, mas também nos benefícios futuros. Arrependemo-nos dos pecados da nossa geração. Estamos ao lado dos nossos irmãos e irmãs mais novos em todo o mundo, em oração devotada e ação comprometida, por um futuro que corresponda cada vez mais às promessas de Deus.

### **O imperativo da cooperação**

Durante a pandemia, aprendemos como somos vulneráveis. Os nossos sistemas sociais entraram em colapso e descobrimos que não podemos controlar tudo. Devemos reconhecer que a maneira como usamos o dinheiro e organizamos as nossas sociedades não beneficiou todos. Damos por nós fracos e ansiosos, mergulhados numa série de crises: sanitária, ambiental, alimentar, económica e social, todas profundamente interligadas.

Essas crises apresentam-nos uma escolha. Estamos na posição nunca vista de decidir se as enfrentaremos com falta de visão e especulando ou se as consideraremos uma oportunidade de conversão e de transformação. Se pensarmos na humanidade como uma família e trabalharmos juntos por um futuro baseado no bem comum, podemos vir a encontrar-nos a viver em num mundo muito diferente. Juntos, podemos compartilhar uma visão da vida em que todos prosperam. Juntos, podemos optar por agir com amor, justiça e misericórdia. Juntos, podemos caminhar para uma sociedade mais justa e gratificante, centrada nos mais vulneráveis.

Mas isso envolve fazer mudanças. Cada um de nós, individualmente, deve assumir a responsabilidade pelo modo como são usados os nossos recursos. Este caminho exige uma colaboração cada vez mais estreita entre todas as Igrejas no compromisso de cuidar da criação. Juntos, como comunidades, igrejas, cidades e nações, devemos mudar de rumo e descobrir novas formas de trabalharmos juntos para

quebrar as barreiras tradicionais entre os povos, parar de competir pelos recursos e começar a colaborar.

Aos que têm maiores responsabilidades – à frente de administrações, na gestão de empresas, contratação de pessoal ou aplicação de fundos – dizemos: escolham lucros centrados nas pessoas; façam sacrifícios de curto prazo para salvaguardar os futuros de todos nós; tornem-se líderes na transição para economias justas e sustentáveis. «A quem muito foi dado, muito será pedido» (Lc 12,48).

Esta é a primeira vez que nós três nos sentimos compelidos a abordar em conjunto a urgência da sustentabilidade ambiental, seu impacto na pobreza persistente e a importância da cooperação global. Juntos, em nome das nossas comunidades, apelamos ao coração e à mente de cada cristão, de cada crente e de cada pessoa de boa vontade. Oramos pelos nossos líderes que se vão reunir em Glasgow para decidir o futuro de nosso planeta e seus habitantes. Mais uma vez, lembramos a Escritura: “Escolhe então a vida, para que tu e a tua descendência vivam” (Dt 30,19). Escolher a vida significa fazer sacrifícios e praticar o comedimento.

Todos nós – quem quer que sejamos e onde quer que estejamos – podemos desempenhar um papel na mudança da nossa resposta colectiva à ameaça sem precedentes das alterações climáticas e da degradação ambiental.

Cuidar da criação de Deus é um imperativo espiritual que exige uma resposta comprometida. Este é um momento crítico. O futuro dos nossos filhos e da nossa casa comum depende dele.

1 de setembro de 2021

Patriarca Ecuménico

Papa

Arcebispo de Cantuária

Bartolomeu

Francisco

Justin